



A construção da problemática da pesquisa em educação

The construction of the research problem in the field of education

 **Marinalva Lopes Ribeiro**

Pós-Doutora e Doutora em Educação

Universidade Estadual de Feira de Santana – PPGÉ

Feira de Santana - BA

marinalva_biodanza@hotmail.com

Resumo: A problemática de uma pesquisa refere-se à seleção e ao ordenamento dos componentes relativos ao foco de determinada investigação. Todavia, essa construção tem sido tarefa desafiadora para estudantes da pós-graduação no momento de estruturarem o projeto de pesquisa. O estudo apresentado com base em pesquisa de delineamento bibliográfico teve por objetivo discutir, de maneira analítica, questões concernentes à formulação da problemática de uma pesquisa em educação. Concluímos que a construção da problemática implica a escolha do tema, a necessidade do uso de linguagem clara e adequada, a elaboração de uma questão geral e de uma questão específica de pesquisa, a delimitação dos objetivos e ou questões. Tal processo permite ao pesquisador iniciante desenvolver sua reflexão, autorreflexão, criação e senso crítico acerca dos conhecimentos produzidos em sua área de interesse, de modo a elucidar as questões da realidade que o inquietam.

Palavras chave: problemática de pesquisa; projeto de pesquisa; problema de pesquisa.

Abstract: A research problem refers to the selection and ordering of the components related to the focus of a particular investigation. However, this construction has been a challenging task for graduate students when structuring their research projects. The present study is a bibliographic research designed to discuss, in an analytical way, issues concerning the formulation of the research problem in the field of education. We have concluded that the construction of the problem implies on the choice of the theme, on the need to use clear and adequate language, on the elaboration of a general question, and on a specific research question, on the delimitation of the objectives and or on the questions. This process allows the novice researchers to develop their skills of reflection, self-reflection, creation and critical sense about the knowledge produced in their area of interest in order to elucidate the issues of reality that concern them.

Keywords: research problem; research project; research question.

Cite como

(ABNT NBR 6023:2018)

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A construção da problemática da pesquisa em educação. *Dialogia*, São Paulo, n. 42, p. 1-16, e22430, set./dez. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5585/42.2022.22430>.

American Psychological Association (APA)

RIBEIRO, Marinalva Lopes. (2022, set./dez.). A construção da problemática da pesquisa em educação. *Dialogia*, São Paulo, 42, p. 1-16, e 22430. <https://doi.org/10.5585/42.2022.22330>.

Introdução

Tenho trabalhado a sério e sofrido muito. E como esse desespero vem de não saber por quê; saber como a gente acaba sabendo, mas intimamente desconhece que a angústia e a expectativa deprimente vêm de não saber por quê. Se te mandam quebrar pedra ou fazer um móvel, a inteligência vai te angustiar na procura do meio mais certo, mais eficiente e mais perfeito de quebrar ou de fazer. Mas a insaciedade que te faz artista vai te atirar numa procura muito mais afetiva, digna e criadora: saber o que é uma cadeira, e que proveito os outros tirarão da pedra que você vai quebrar. Só assim você estará sendo artista. Sem saber isso você será escravo (FERNANDO SABINO).

Na epígrafe, o cronista Fernando Sabino expressa a angústia e a expectativa da escrita. Parece-nos que os estudantes da pós-graduação em educação também passam por essa ansiedade durante a escrita do projeto de pesquisa. Foi pensando neles, para ajudar a aplacar essa aflição, que resolvemos escrever este texto. Acreditamos que, com a ajuda deste material, tais pesquisadores iniciantes terão a oportunidade de se “atirar numa procura mais afetiva, digna e criadora”.

Destarte, este artigo é resultado de estudo de delineamento bibliográfico, no qual examinamos obras de vários autores de referência em pesquisa, tais como: (André, (2001); Bouchard (2000); Charbonneau) 1988; Chevrier (2000; Corazza (2006); Creswell (2014); Fabre (2009); Gatti (2007, 2012); Gauthier (1997); Mace (1988); Van Der Maren (2004), entre outros). Baseamo-nos também em nossa experiência, desde que iniciamos os estudos doutorais, e como pesquisadora da área de formação de professores, orientadora de dissertações de mestrado defendidas, de trabalhos de conclusão de curso e de iniciação científica na graduação, além da análise de diversas dissertações de mestrado e teses de doutorado das quais participamos na condição de membro da banca avaliadora.

Cabe mencionar que, em nossa experiência, observamos certa dificuldade por parte dos estudantes da pós-graduação em educação no sentido de construírem a problemática de suas pesquisas. Possivelmente, não tiveram oportunidade de exercitarem tal desafio, levando-se em conta o escasso número de estudantes com experiência em iniciação científica. Gatti (2007, p. 63) evidencia que “o desenvolvimento de habilidades para a pesquisa só se faz no próprio trabalho de pesquisa”, o que raramente acontece durante a formação inicial. Nesse sentido, concordamos com Santos (2008) quando se refere à baixa integração entre ensino e pesquisa no campo acadêmico, o que resulta em problema complexo e de difícil solução.

Na busca de referenciais para nossa investigação, realizamos uma revisão da literatura no The Scientific Electronic Library Online (SciELO), com os seguintes descritores: problematização e pesquisa, problematização da pesquisa, problematizar, problemática da pesquisa, problema de pesquisa. Contudo, não encontramos alusão ao termo. De igual modo, buscamos, no contexto dos artigos publicados nos *Cadernos de Pesquisa* da Fundação Carlos Chagas, por ser um periódico de

referência que divulga discussões sobre pesquisa na área de educação, todos os números publicados no período de 2016 a 2020 (vinte números). Neles encontramos apenas dois artigos que tratam da pesquisa em educação, publicados no número 162. Em um deles estuda-se a bricolagem e no outro a implicação entre o sujeito e o objeto, sem nenhum destaque para o nosso objeto de investigação. Por fim consultamos na *Revista Pesquisa Qualitativa* os dezesseis números publicados de 2016 a 2020. Encontramos muitos artigos voltados à pesquisa qualitativa, principalmente na área da saúde. No entanto, apenas um artigo de RIBAS, E.; LIMA, V.; HARRES, J.; LAHM, R., intitulado “Análise da construção de problemas de pesquisa e das considerações finais em teses da área de Ensino de Matemática”, publicado no v. 4, n. 6, p. i-ii, dez. 2016, trata especificamente do objeto que nos interessa neste estudo.

Ao que nos parece, a questão da problematização da pesquisa é um tema que não se faz suficientemente discutido e trabalhado na literatura brasileira. Tal constatação leva-nos a entender que este estudo se faz pertinente, à medida que poderá responder aos desafios em que são confrontados pesquisadores iniciantes na construção dos seus projetos investigativos. Em face dessa lacuna no estado do conhecimento acerca desse tema, formulamos a seguinte questão: como elaborar uma problemática de pesquisa em educação?

Sob esse olhar, este trabalho tem um objetivo prático: discutir, de maneira analítica, questões relativas à formulação da problemática de uma pesquisa em educação. Desse modo, poder-se-á disponibilizar a estudantes da pós-graduação em educação orientações que, apreendidas de maneira transformadora, por certo os ajudarão a enunciar, na elaboração da *problemática*, a *pergunta geral da pesquisa* na delimitação do *problema específico* e na formulação dos *objetivos*.

O texto é composto basicamente de cinco partes que se relacionam de modo intrínseco. Após breve introdução, apresentamos a metodologia empregada neste estudo. Em seguida, tecemos considerações sobre a escolha do tema e a formulação da questão geral de pesquisa. Na sequência, trazemos para a cena aspectos fundamentais na formulação da problemática de investigação, quais sejam: necessidade de linguagem clara e argumentativa, revisão da literatura e as inúmeras possibilidades para a construção de tal documento. Na sequência, discutimos como formular o problema, a questão específica, os objetivos e como explicitar a relevância científica, social e pessoal da pesquisa. Por fim, realçamos algumas considerações finais.

Metodologia utilizada

Escolhemos a pesquisa exploratória de delineamento bibliográfico. Neste caso, trata-se de uma investigação desenvolvida com a utilização de fontes bibliográficas, tais como livros,

periódicos, ensaios críticos e artigos científicos, os quais ainda não receberam tratamento analítico (OLIVEIRA, 2007). Em nosso caso, utilizamos livros de leitura corrente, ou seja, obras de divulgação que, de acordo com Gil (2002, p. 44), “objetivam proporcionar conhecimentos científicos ou técnicos”.

No intuito de usufruir das vantagens dessa modalidade de investigação, analisamos em profundidade as informações encontradas acerca do tema, isto é, a problemática de pesquisa, a fim de descobrir alguma incoerência ou contradição, tomando por base as reflexões de Gil (2002). Nesse processo, após a escolha do tema, efetivamos levantamento bibliográfico no *Scielo*, na *Revista Cadernos de Pesquisa* e na *Revista Pesquisa Qualitativa* sendo encontrado apenas um título que faz referência ao problema de pesquisa. Do mesmo modo, constatamos um vazio em relação a esse tema em manuais de metodologia de pesquisa brasileiros. Prosseguindo na busca, constatamos em fontes francófonas referências à problemática e à problematização da pesquisa. Essas fontes foram lidas cuidadosamente e fichadas, o que nos ajudou na organização do tema e na escrita do texto final.

Aspectos relevantes na formulação da problemática da pesquisa

Nesse sentido, destacamos que o discurso argumentativo, também denominado problemática, tem sido pouco utilizado na documentação anglo-saxônica, em que não se faz distinção entre problemática e problema de pesquisa. Creswell (2010), por exemplo, alude que o problema de pesquisa seja apresentado na introdução. O autor acrescenta que o termo problema parece não ser muito apropriado sugerindo, em substituição, os termos “necessidade de estudo” ou “criação de uma justificativa para a necessidade de estudo”, o que difere da proposta aqui apresentada. O termo problemática ou problematização aparece frequentemente na literatura francófona. De acordo com Bouchard (2000), a *problemática* é a seleção e o ordenamento dos elementos que compõem o foco da investigação. Trata-se da descrição de diversos componentes da situação e de elementos que viabilizam a existência do problema. Para Corazza (2006, p. 358), problematizar é “fazer com o objeto bruto outra coisa. Vamos criar problemas, ali onde não existiam, onde nem se pensava que existiam”. Nessa esteira de raciocínio, Fabre (2009) acrescenta que, ao questionar, o indivíduo mobiliza conhecimentos que funcionam como ferramentas para construir e resolver problemas.

Com esse entendimento, seguimos para a *escolha do tema* de pesquisa. É importante que ele interesse ao pesquisador o suficiente para manter a motivação em pesquisá-lo durante todo o percurso da investigação.

Os temas do estudo podem surgir da observação da realidade ou de fatos relacionados a resultados de outras pesquisas divulgadas em periódicos e em eventos científicos. As fontes selecionadas poderão apontar questões que necessitam ser aprofundadas, que parecem contraditórias, que precisam ser aplicadas a outros sujeitos e em outra situação, isto é, que estão baseadas em teorias, as quais precisam ser confirmadas. Ademais, qualquer falha no conjunto dos conhecimentos pode ser fonte de questões e, então, se constituir em tema de estudo.

Tendo em vista que o sucesso e a qualidade da pesquisa dependem, em grande parte, da escolha do tema, o pós-graduando deve atentar para os aspectos assinalados por Mace (1988), quais sejam: grau de interesse sobre o objeto (motivação, energia a despender na pesquisa, a fim de superar as dificuldades que possam aparecer no processo); tipo de tratamento dado anteriormente ao objeto (trabalhos anteriores); disponibilidade de informações sobre o objeto; disponibilidade de instrumentos de trabalho ou técnicas de pesquisa para analisar. De conformidade com Costa (2007, p. 148), “para um objeto ser pesquisado é preciso que uma mente inquiridora, munida de um aparato teórico fecundo, problematize algo de forma a constituí-lo em objeto de investigação”.

Ante o exposto, é aconselhável que o pesquisador iniciante conheça as diferentes dimensões ou os elementos intrínsecos a determinado tema antes de decidir qual o ângulo a ser investigado. Assim, deve proceder a exaustivas leituras sobre o tema, a fim de separar as dimensões e ângulos específicos selecionados para o estudo. Em outros termos, como assinala Corazza (2006), o que diferencia o objeto de pesquisa “bruto” de muitos pesquisadores, em relação ao “nosso”, é o fato de este ser tomado por nós para questionar, para levantar dúvidas, tirar o nosso sossego.

No campo da educação, por exemplo, pesquisadores da atualidade têm se debruçado sobre os seguintes temas: processos de aprendizagem, tanto da criança quanto do adulto; violência escolar: discriminação, *bullying* e responsabilidade; ensino e aquisição de saberes; tecnologias e estratégias de aprendizagem, particularmente neste momento em que a sala de aula necessita de recursos tecnológicos para aumentar a interatividade e o engajamento de estudantes no ensino remoto; educação inclusiva e acessibilidade no ensino superior; avaliação da aprendizagem; educação e socialização de saberes; sistemas educativos e de formação; educação no campo; gênero e diversidade na escola; profissionais da educação no contexto atual; desenvolvimento profissional dos professores; relação entre professores e estudantes; educação decolonial, entre outros. Mas, para que um desses temas seja escolhido por algum pesquisador, é necessário que ele seja problematizado.

Após a escolha do tema de pesquisa, sugerimos a formulação da *questão geral de pesquisa*. Obviamente, sem a questão a pesquisar não há pesquisa. Em outras palavras, não existe pesquisa

se não há uma interrogação, uma questão de partida, cuja resposta não é ainda conhecida (VAN DER MAREN, 1996). Sob esse ângulo, cabe ao pesquisador eleger “um caso” para resolver. Porém, necessita transformar a questão geral em questão específica de pesquisa, isto é, desenvolver uma abordagem sistemática com a qual venha contribuir para ampliar o campo do conhecimento sobre determinado tema. Como refere Fabre (2009), um saber se constitui a partir de respostas a problemas determinados. A *questão geral de pesquisa* vai orientar a leitura subsequente de obras sobre o tema e a compreensão genérica do fenômeno que interessa ao pesquisador iniciante. A partir desse momento, ele vai construir a problemática até delimitar um problema específico de pesquisa e formular a questão específica da investigação e seus objetivos. Para Charbonneau (1988), questões muito gerais podem ser cientificamente insolúveis, vez que correm o risco de serem irrealizáveis. Na sequência, passamos a detalhar cada passo a partir deste ponto.

Primeiramente vamos tratar, mesmo que de maneira breve, da linguagem a ser utilizada pelo pesquisador na construção da problemática da sua investigação. Ela deve ser direta, precisa e convincente. Neste sentido, na escrita do projeto, o postulante a uma subvenção, a uma dissertação ou tese deve evitar neologismos que possam trazer ambiguidades e duplos sentidos para o leitor, principalmente aquele que vai avaliar tais escritos. Assim, convém dirigir a linguagem e os argumentos para a possível pessoa leitora, seja o avaliador de uma revista, de uma instituição de fomento ou o participante de banca de qualificação do projeto em programa de pós-graduação. Tais leitores esperam que os postulantes respeitem as questões postas nos formulários e normas, de modo claro e conciso, não ultrapassando o número de palavras estabelecido para cada seção.

Quanto à necessidade de precisão da linguagem na construção da problemática da pesquisa, Gatti (2015, p. 14) chama a atenção para a diversificação de termos e o uso com amplos significados:

Temos utilizado muitas vezes diversificados termos para significar uma mesma coisa, na dependência de posturas momentâneas. Temos adesões a certo ‘modismo’ nas expressões e pouca preocupação com os significados dentro de um contexto teórico coerente. No Brasil, temos o hábito de usar em larga escala e com amplos significados a palavra educação. Não nos preocupamos, por exemplo, com distinguir educação em geral - fato social que permeia a sociedade como um todo e seus vários instituídos - de educação escolar - aquela que a escola provê. Na maior parte dos trabalhos publicados falamos desta última, porém sem qualificar isto, criando um espaço um tanto vago de entendimento para diversos interlocutores. Não se trata de defender nominalismos, mas de cuidar da clareza e abrangência do que falamos.

Faz-se pertinente que a problemática seja bem redigida, explicitando cada denominação e conceitos a serem tratados, bem como as formas comunicativas sociais. Isto implica que se

demonstre o conhecimento do campo a ser pesquisado, o destino e o itinerário a ser percorrido. Caso contrário, o pesquisador poderá não chegar a consumir o seu intento.

Em se tratando de um projeto de pesquisa, são necessários alguns cuidados, tais como: mostrar como se faz uma investigação de acordo com a área e o tipo de pesquisa; escolher um objeto, de modo a problematizá-lo até construir um problema real que irá orientar o estudo.

Na formulação da problemática, como alude Nascimento (2011), o pesquisador deve investir no objeto de investigação todas as suas procuras, como se fosse a busca de si mesmo. Isto nos faz lembrar Sousa Santos (2007, p. 83) quando afirma que “todo conhecimento emancipatório é autoconhecimento” e também Macedo, Galeffi e Pimentel (2009, p. 24) quando assim sugerem: “façamos um retorno radical sobre nós mesmos, sabendo ser esta uma operação muito mais imaginante do que ainda propriamente conceitual”. Embora Nascimento (2011) deixe claro que o olhar do pesquisador sobre o objeto alimenta seu movimento desejante, isto é, o que poderia lhe completar, a autora pontua que sempre faltará algo, pois, em toda pesquisa restará uma parte a ser completada por outros. Em suma, o conhecimento de um objeto sempre abre possibilidades para outros questionamentos.

Sugerimos, pois, que o pesquisador inicie seu texto apresentando-se ao leitor, contando-lhe a sua trajetória até chegar à *escolha do objeto* de investigação (o recorte do fenômeno que lhe interessa investigar no momento, a partir de suas experiências pessoais), suas angústias, incertezas, expectativas e outros sentimentos presentes no processo de busca.

A propósito, na formulação da problemática é fundamental que o futuro pesquisador explicita a sua visão paradigmática e os valores de seu estudo. Lembramos que o paradigma positivista não oferece suporte para compreender as especificidades dos objetos da área da educação. Então, realçamos a imagem da Banda de Möebius – recurso metafórico que representa o infinito (caminho sem começo e nem fim) - que foi criado em 1850, pelo astrônomo e matemático alemão August F. Möbius, para demonstrar que aquilo que o sujeito externa está relacionado a sua subjetividade. Nessa perspectiva, a realidade social é dinâmica, histórica e complexa, com múltiplas e variadas configurações, como defendem Ghedin e Franco (2008). Segundo Bouchard (2000), na formulação da problemática pelo pesquisador entram elementos que este considera pertinentes, a depender da sua percepção subjetiva e de seus valores, mesmo que de forma inconsciente.

Figura 1 - Banda de Möebius



Fonte: <https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk03UAkOGw06284tCqBVkVUwW-QfQ2A>

Dadas as evidências, fica claro que a problemática é o lugar da expressão daquilo que, no universo descrito pelo pesquisador, causa o problema. Para Chevrier (2000), apresentar uma problemática de pesquisa é responder a questão: Por que temos necessidade de realizar esta pesquisa e de conhecer os resultados que ela propõe? Nestes termos, faz-se necessário apresentar ao leitor o porquê de se realizar tal investigação e, assim, mostrar-lhe os elementos necessários para justificar a sua intenção acerca da pesquisa. Para isto, o investigador deve exprimir de maneira convincente em que sentido os elementos tomados para análise causam o problema.

Nessa tarefa, faz-se indispensável desenvolver um texto argumentativo, no qual o pesquisador apresente o tema e as informações necessárias à argumentação que justifique a investigação pretendida, refletindo e justificando cada decisão tomada, por exemplo: o campo, os sujeitos, ou seja, os colaboradores, as contribuições que o estudo vai trazer etc.

Evidentemente, há inúmeras possibilidades, a depender da originalidade e da imaginação do pesquisador, bem como do objeto a ser pesquisado, por exemplo: a análise do contexto socioeconômico e cultural que se está vivendo no mundo, no país e na região; análise da legislação que trata do objeto, examinando-se seus avanços e retrocessos. Incluem-se nesse movimento a análise de outras fontes, como: textos jornalísticos; filmes, CD, dados estatísticos; a história; narrativas de vida; a linguagem artística, blogs, jornais; pesquisas realizadas em revistas científicas, teses, dissertações, relatórios de pesquisa, anais de eventos científicos, distinguindo-se o avanço do conhecimento acerca do objeto, sempre problematizando tais textos, atentando-se para alguma falta ou lacuna que será preenchida pela pesquisa a ser realizada. Com efeito, Chevrier (2000, p. 52) refere que “há um problema quando se sente a necessidade de preencher uma lacuna existente

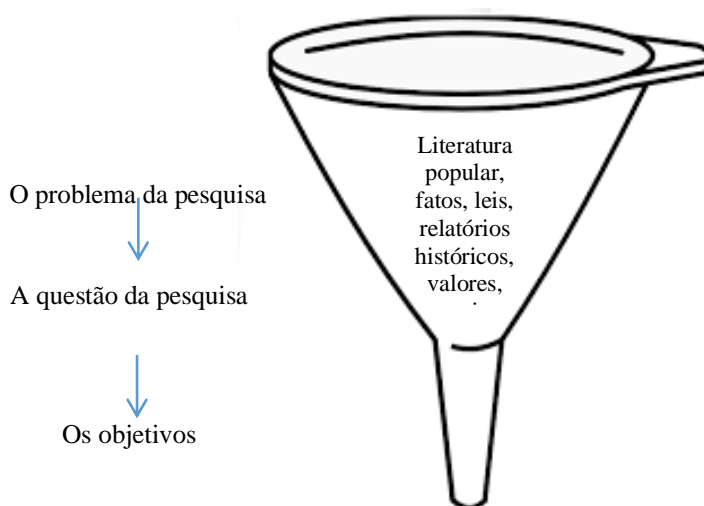
entre uma situação de partida insatisfatória e uma situação de chegada desejável” (tradução nossa). Assim, o objetivo seria a situação satisfatória.

Na revisão da literatura ou da documentação, segundo Van Der Maren (1996), faz-se necessária uma perspectiva estratégica. Na impossibilidade de revisar toda a literatura existente sobre o tema, é aconselhável que o pesquisador se concentre naquela que possa ajudar a construção do seu problema de pesquisa; isto é, aquela que faz generalizações abusivas, que apresenta condições de aplicação muito amplas, que investiga sujeitos diferentes e realidades diversas, que toma por base outras teorias e metodologias, entre outros aspectos.

Essa parte da problemática à qual nos referimos anteriormente, também conhecida por “quadro conceitual”, é que contextualiza o objeto, dando-lhe sentido e ajudando o pesquisador a desenvolver o problema da pesquisa a ser empreendida.

Realçamos em Bouchard (2000) a seguinte ideia: a problemática se constrói a partir do espírito criativo, original e de uma visão dinâmica do pesquisador. A imagem de um funil mostrada pelo citado autor demonstra que o pesquisador deve começar pelo reconhecimento amplo do território, até delimitar esse universo a uma dimensão reduzida cuja inserção se fará em outro receptáculo, como se segue:

Figura 2 - Elementos da problemática



Fonte: Autoria Própria, a partir de Bouchard (2000).

Se na primeira etapa da construção da problemática o pesquisador fizer ampla coleta de dados preliminares a respeito do tema da pesquisa, na segunda etapa ele deverá selecionar os

elementos que considere mais pertinentes, abandonando diferentes caminhos e fazendo novas escolhas, a depender das informações que aparecerem e que contribuam para substituir as certezas anteriores. Assim, faz-se mister a leitura não mais de obras gerais, mas de estudos e análises sobre o tema particular (BOUCHARD, 2000; MACE, 1988).

Tendo por fundamento as informações colhidas anteriormente nos questionamentos realizados e nas lacunas encontradas, o pesquisador, dando prova de originalidade científica, delimita *o problema específico da pesquisa* que ressalta, de forma argumentativa, a existência de uma falta de conhecimento, ou seja, uma carência cognitiva como resultado da situação problemática (BOUCHARD, 2000; MACE, 1988). Sob o olhar de Creswell (2010), o problema de pesquisa geralmente é confundido com as questões da investigação. Já nas palavras de Chevrier (2000, p. 53), “um problema de pesquisa é uma lacuna consciente entre aquilo que sabemos e o que devemos saber” (tradução nossa).

Nesses termos, esse mal-estar científico é a característica decisiva do problema da pesquisa, pois constitui o elemento que a distingue das outras investigações. Mace (1988) assegura que a formulação do problema específico de pesquisa é uma etapa essencial. Além de elaborar as questões atinentes ao objeto de estudo, ela permite dar sentido e integrar seus elementos constitutivos. Ribas et al (2016, p. 5) afirmam que a etapa da elaboração do problema de pesquisa “precisa ser bem construída para garantir a qualidade da pesquisa a ser realizada.”

Sob esse ângulo compete enfatizar que, geralmente, *o problema* é formulado como interrogação que merece ser respondida. Para Creswell (2014), todavia, também pode ser formulado em forma de afirmação. Essa questão de pesquisa tem, pois, o papel de concretizar o problema da investigação. Logo, deve ser construída de maneira clara e precisa, a fim de evitar ambiguidades nas respostas.

Para Charbonneau (1988) *o problema específico de pesquisa* deve possuir duas qualidades: ser resolvido por meios científicos; conduzir a uma resposta que contribua de maneira significativa ao avanço do conhecimento. Desse modo, o problema específico de pesquisa não pode ser vago. Ele deve ser formulado operacionalmente; tal como reitera Creswell (2014), cabe ao leitor decidir qual seria a questão que motiva o estudo. Ribas et al (2016), nesse mesmo sentido, realçam a necessidade de o problema de pesquisa apresentar um viés inovador. Chevrier (2000, p. 61-62) auxilia nesse quesito, evidenciando que um problema específico de pesquisa reside

na ausência total ou parcial de conhecimento relativo a um elemento de resposta à questão geral [...] b) quando não se pode generalizar conclusões de pesquisas anteriores a uma situação particular [...] c) quando o pesquisador sente incerteza face às conclusões de uma pesquisa por causa de problemas metodológicos [...] d) quando o pesquisador constata contradições entre as conclusões de pesquisas sobre o mesmo tema (Tradução nossa).

De posse do problema específico da investigação, a etapa seguinte será a elaboração das questões ou objetivos da pesquisa, ou seja, os rumos que o trabalho vai tomar. No lugar de objetivos, alguns pesquisadores preferem formular uma questão de pesquisa ou um conjunto de objetivos. Concordando com Bouchard (2000) no sentido de que o mais importante é guardar coerência entre a problemática, o problema, as questões, os objetivos e as escolhas metodológicas posteriores.

O *delineamento dos objetivos* também merece cuidado, tendo em vista que eles variam a depender do tipo de investigação a ser empreendido. No caso da pesquisa qualitativa, eles devem anunciar informações sobre o fenômeno a ser explorado, os participantes e o terreno da investigação. Quanto à redação, deve-se cuidar para que os objetivos selecionados focalizem apenas um fenômeno, conceito ou ideia e indiquem o *design* da pesquisa, isto é: se será um estudo de caso, um estudo etnográfico, uma pesquisa-ação etc.

Como demonstra Bouchard (2000), os objetivos devem ser redigidos em forma de proposições que revelem as intenções do pesquisador a respeito do objeto da investigação. Assim, eles se distinguem do problema da pesquisa, pois apontam possíveis soluções para o problema proposto.

No intuito de ajudar na formulação dos objetivos, trazemos alguns elementos da taxionomia de objetivos educacionais proposta por Bloom (1973). As habilidades cognitivas apresentam uma hierarquia: a categoria *conhecimento* salienta a evocação; *compreensão* (compreender, interpretar) distingue a capacidade de compreender determinado objeto; *aplicação* refere-se à aplicação de uma abstração em dada circunstância (ilustrar, esboçar, ordenar); *análise* “focaliza o desdobramento do material em suas partes constitutivas, a percepção de suas inter-relações e os modos de organização” (p.123) (analisar, distinguir, comparar, criticar, investigar, explorar, relacionar, identificar, descrever, discutir); *síntese* consiste na capacidade de unir os elementos e partes formando um todo (sintetizar, esquematizar, resumir, teorizar, concluir); *avaliação* é o processo no qual, a partir de critérios, julga-se o valor de ideias, métodos etc. (testar, julgar, escolher, selecionar).

Para concluir a problemática, o pesquisador deve explicitar a *relevância* científica, social e pessoal da pesquisa que pretende realizar. Nesta seção, ele deve mostrar o porquê de estudar

determinada questão e não outra. Quanto ao tema, ele se inscreve em qual valor defendido pela sociedade atual? Ela traz resposta a quais anseios da educação? Ela se insere nas preocupações dos professores? Dos pais? Dos gestores? Como a pesquisa poderá responder às inquietações dos professores ou gestores, seja da Educação Básica ou da Educação Superior?

Quanto à pertinência científica, o projeto precisa mostrar que o tema está relacionado às preocupações de outros pesquisadores, como menciona Chevrier (2000). Neste sentido, é aconselhável apresentar certo número de pesquisas, livros, temas de congressos em que o tema esteja em pauta, tendo em vista mostrar que a investigação realçada vai contribuir para o avanço do conhecimento, seja contestando outros achados, seja validando-os ou os ampliando.

Em se tratando da pertinência pessoal, seria importante responder ao seguinte questionamento: em quais valores pessoais do próprio pesquisador a pesquisa se apoia? Para Van Der Maren (1996), os resultados de uma pesquisa podem ser utilizados com finalidades positivas, como melhoria da vida, ou com finalidades negativas quando se destina ao aumento do poder pessoal do pesquisador em detrimento dos benefícios da população. Nesta última condição, o conhecimento produzido deixa de ser pensado e refletido pela sociedade de modo a esclarecer sua visão e intervenção no mundo, para ser armazenado em prateleiras das bibliotecas e nos currículos *lattes* dos pesquisadores.

Lembramos que o paradigma emergente realça o caráter social e reflexivo da pesquisa, a fim de fomentar melhores condições de vida e a emancipação do ser humano. Nas palavras de Macedo, Galeffi e Pimentel (2009, p. 27), “o que está em jogo são os conhecimentos que se podem alcançar e construir para o benefício e realização dos indivíduos, das sociedades e da espécie em sua unidade diversa”.

No entanto, faz-se necessário saber quais demandas sociais exigem atenção especial, tendo em vista que, quase sempre, elas estão sujeitas aos modismos, ideologias ou aos ditames de grupos hegemônicos, a exemplo dos representantes da grande mídia, como assinala Beillerot (2000, p. 159):

Os representantes da mídia dão a palavra aos agentes sociais (mandatários ou não) os quais colocam em forma, a partir de informações classificadas, aquilo que as clientelas e as ideologias têm necessidade de atender ou dizer como sendo suas próprias opiniões [...] a demanda social está sujeita à paixão e à ideologia (tradução nossa).

Como referido, compete diferenciar uma demanda social de uma demanda da sociedade, podendo esta ser relacionada ao mercado que, voltado ao lucro, instiga a população ao consumo de determinado tipo de produto.

Concordando com Gatti (2012), a demanda social, ao contrário, exige exame sereno do pesquisador, confrontando os indicadores divulgados com os resultados de pesquisas confiáveis produzidas.

Considerações finais

Na literatura brasileira que se debruça sobre a pesquisa em educação (livros, artigos e capítulos de livros), praticamente não encontramos referências à problemática da investigação em seus escritos. Nesse sentido, em sua maioria, fontes francesas deram sustentação a este estudo.

Concluimos que os elementos da problemática devem estar alinhados ao objeto do estudo, formando um todo coerente: o tema, o problema, as questões de pesquisa, os objetivos e a pertinência da investigação.

Ademais, lembrando os ensinamentos de Van Der Maren (1996), acrescentamos que o objetivo da pesquisa científica consiste, entre outros propósitos, em questões, tais como: instigar a dúvida, a crítica, a contestação acerca da maneira de pensar dos teóricos analisados, bem como em relação às teorias tidas como certas pela maioria das autoridades, ao próprio senso comum, ao considerado “bom senso” e às “verdades” que querem nos impor. Cabe ainda argumentar que a verdade absoluta não existe; devemos, igualmente, exercitar a nossa capacidade de liberdade de pensamento bastante questionada na atualidade pelo próprio Ministério da Educação e pelos governantes federais que não perdem a oportunidade de questionar a ciência, a educação em todos os níveis, bem como as práticas adotadas por professores.

A nosso ver, no exercício da pesquisa abrimos espaço para praticar a transgressão, seja em relação aos conhecimentos admitidos, seja buscando novas ideias que visam a sanar problemas atuais. Faz-se pertinente realçar, entre outros, o isolamento social imposto pela pandemia causada pelo vírus SARS-CoV-2 que, desde o início do ano de 2020, tem deixado crianças e jovens sem condições de frequentar a escola e a universidade de forma presencial, em grande parte do mundo.

No caso específico deste objeto de pesquisa (coronavírus), todo o conhecimento existente foi colocado em cheque e a comunidade científica se reuniu em várias partes do mundo, em renomados laboratórios científicos e farmacêuticos, pesquisando o problema em questão. Tornou-se fundamental compreender movimentos essenciais, como: o comportamento do vírus, os sintomas das pessoas contaminadas. Também se tornou premente encontrar soluções para mitigar

o problema relacionado ao número de pessoas contagiadas, bem como analisar sintomas, diagnósticos e formas de transmissão comparando-os com o número de mortes e as variáveis idade, sexo, entre outros fatores de risco. Nestes podem ser incluídos, por exemplo, ser idoso ou possuir doenças crônicas como diabetes, asma grave e problemas cardiovasculares. De igual modo, fazem-se urgentes medidas voltadas à prevenção, ao acesso a medicamentos para combater o mal; aquisição de vacinas eficazes que atendam necessidades de imunização de todas as pessoas do planeta, com diferentes idades, raças e etnias. Em que pese tais providências não se pode, todavia, descartar o risco de algumas dessas medidas serem parciais e temporárias.

No caso de nosso estudo, faz-se oportuno pontuar que, também no movimento de pesquisa em educação, corre-se esse risco, tendo em vista que os problemas dependem do contexto temporal, social e local, não podendo ser resolvidos com soluções propostas por pesquisadores que não vivem tais realidades. De conformidade com Van Der Maren (1996), os pesquisadores são apenas os intérpretes, os tradutores dessa realidade e dos significados apresentados pelos participantes colaboradores da pesquisa.

Como mencionado, evidenciamos que não trazemos receita mágica para a elaboração da problemática da pesquisa. Ela depende da colaboração e do diálogo, pois, apenas pesquisadores com a participação de outros mais experientes poderão produzir sentido ao que será pesquisado.

A problemática é, portanto, uma construção do projeto de pesquisa, ao mesmo tempo, difícil e essencial. Essa construção pressupõe aspectos, como: a escolha do tema, a necessidade do uso de linguagem clara e adequada, a construção de uma questão geral e de uma questão específica de pesquisa, a delimitação dos objetivos e ou questões. O citado processo permite ao sujeito desenvolver competências, tais como reflexão, autorreflexão, criação e senso crítico, sobre os conhecimentos produzidos em sua área de interesse, de modo a responder às questões da realidade que lhe inquietam.

Referências

BANDA DE MÖEBIUS. Disponível em:

<https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk03UAKOGw06284tCqBVkVUwW-QfQ2A>

Acesso em: 31dez. 2020.

BEILLEROT, J. La recherche en ducation en France: résultats d'enquêtes sur les centres de recherches et les périodiques. *Revue Suisse des sciences de l'éducation*, n° 1, 22^o Année, Fribourg, Suisse: 2000, p.145 – 163. Disponível em: <https://nbnresolving.org/urn:nbn:de:0111-opus-36418>

<https://doi.org/10.25656/01:3641> Acesso em 11 abril. 2022

- BLOOM, B. *Taxionomia de objetivos educacionais*. Porto Alegre: Globo, 1973.
- BOUCHARD, Y. De la problematique au problème de recherche. In: KARSENTI, Thierry; SAVOIE-ZAJC, Lorraine. *Introduction à la recherche en éducation*. 2. ed. Sherbrooke/Canada: Éditions du CRP, 2000, p. 79-98.
- CHARBONNEAU, C. Problématique et hypothèse d'une recherche. In: ROBERT, Michèle. *Fondements et étapes de la recherches scientifique en psychologie*. Paris: Maloine, 1988.
- CHEVRIER, J. La specification de la problématique. In: GAUTHIER, Benoît (Dir.). *De la problématique à la collecte des données*. Québec: Presses de l'Université du Québec, 2000.
- CORAZZA, S. M. Manual infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Orgs.). *A bússola do escrever*. Desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2006.
- COSTA, M. V. Uma agenda para jovens pesquisadores. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org). *Caminhos investigativos II*. Outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*; tradução Magda Lopes. 3 ed., Porto Alegre: ARTMED, 2010.
- FABRE, M. Qu'est-ce que problématiser? Gèneses de um paradigma. *Recherches em éducation*, nº 6, janvier, 2009. Disponível em <https://doi.org/10.4000/rec.4093> Acesso em 11 abril, 2022
- GATTI, B. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Líber Livro, 2007.
- GATTI, B. A construção metodológica da pesquisa em educação: desafios. *Revista Brasileira de Política e Administração da Educação*, v. 28, n. 1, p. 13-34, jan./abr. 2012.
- GHEDIN e FRANCO. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- MACE, G. *Guide d'élaboration d'un projet de recherche*. Laval: Les presses de l'Université Laval, 1988.
- MACEDO, R. S., GALEFFI, D. e PIMENTEL, Á. *Um rigor outro*. Sobre a questão da qualidade na pesquisa qualitativa. Salvador, EDUFBA, 2009.
- NASCIMENTO, I. P. O que busco em ti? Olhares, recortes, apreensões e cortes. In: NASCIMENTO, I. P. (Org.) *Escrituras imagens e sentidos*. Saberes sobre o objeto de pesquisa em educação. Belém, Pará: Cromos, 2011.
- OLIVEIRA, M. M. de. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

RIBAS, E.; LIMA, V.; HARRES, J.; LAHM, R. Análise da construção de problemas de pesquisa e das considerações finais em teses da área de Ensino de Matemática”, *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 4, n. 6, p. i-ii, dez. 2016.

SANTOS, L. L. C. P. Dilemas e perspectivas na relação entre ensino e pesquisa. *In: André, Marli (Org.). O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores*. Campinas, SP: Papirus, 9 ed. 2008.

SOUSA S., B. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. Para um novo senso comum. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

VAN DER M., J. M. *Méthodes de recherche pour l'éducation*. Bruxelles: De Boeck Université, 2004.